



ENSAIAR POLÍTICAS¹

Vivian Marina Redi Pontin²

RESUMO

Este breve ensaio busca multiplicar aquilo que pode uma ocupação em escolas. Desejo pulsante que se exige de explicações demasiadas e pormenores burocráticos que por vezes ferem a beleza do gesto pensante. A aposta é num corpo trêmulo, repleto de desequilíbrios, uma morfologia estranha, em que se gestam algumas linhas de expressão de uns afetos. Diante da impossibilidade de romper definitivamente com o que despotencializa, é preciso, pois, aliar-se a pequenos pontos de alegria – uma política.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; política; afeto.

ENSAIAR

Busca rápida na internet por “ocupações em escolas” pela aba em que aparecem as notícias relacionadas à procura. Manchetes: 1) Cresce número de ocupações em escolas estaduais de Pernambuco; 2) Sob pressão da Justiça, secundaristas completam um mês de ocupações nas escolas; 3) Após ocupações, escolas nunca mais serão as mesmas; 4) Aumenta número de ocupações de alunos na UFPE e escolas estaduais; 5) Temer critica radicalizações na ocupação de escolas; ... (67 páginas depois); n) Escola Estadual Fernão Dias volta a ser ocupada por estudantes em protesto contra a falta de merenda.

“N” manchetes espalhadas apenas numa busca, essa é uma forma de dizer que sim, as ocupações em escolas públicas ocupam determinado espaço de circulação, mesmo que virtualmente, apesar de milhões de outras coisas ocuparem esse mesmo espaço e concorrerem com as atenções.

As linhas que aqui se desenham estão interessadas em dispersar algumas ideias relativas ao que **ocupar** pode ganhar em espessura, ao atentar-se que as ocupações em escolas possuem um propósito de resistir àquilo que as atinge em cheio.

Apenas como sugestão, uma vez que parece um pouco mais complicado quando se aproxima de cada escola e as singularidades que lá se encontram, as ocupações em escolas, especialmente após a posse e primeiras ações do governo de Michel Temer em 2016, são um procedimento de resistência política à duas medidas: a primeira é a proposta de emenda constitucional número 241 (PEC 241), que estipula um teto para os gastos públicos, congelando as despesas do Governo Federal, a partir de índices da inflação, por até 20 anos; e a segunda é o projeto de reforma do Ensino Médio apresentado como Medida Provisória por esse mesmo governo. Não é o intuito explicar e explicitar os pormenores dessas medidas, como foi dito é apenas uma sugestão para o que se resiste ao ocupar.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Prof.^a. Dr.^a. Pesquisadora Colaboradora – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo – LABJOR UNICAMP, vivian_marina@yahoo.com.br

Dispersar o ocupar, aqui, se elabora no sentido de ganhar uma força que não se restringe pelos propósitos ao que se resiste, por explicações demasiadas entre prós e contras que já ocupam parcela significativa de espaços. Dispersar para fazer existir como diria Michel Foucault a respeito das críticas artísticas: “fazer existir uma obra, uma frase, uma idéia; acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e imediatamente tomaria a espuma do mar para a dispersar. Reproduziria, ao invés de juízos, sinais de vida” (FOUCAULT, 2000, s. p.). Uma vida entre ocupações.

OCUPAÇÃO 1

Suportar estar aí para “dar” o tempo necessário de modo que um sentido-forma comece a germinar.

*Suely Rolnik. Una conversación*³.

O palco está completamente vazio, exceto pela presença de um microfone e seu pedestal, chão e fundo pretos, com uma imensa cortina. Um dançarino adentra com roupas cotidianas, direciona-se até o microfone, espera calmamente e diz: *Je suis Jérôme Bel*⁴, permanece em silêncio, olha o relógio no pulso e depois de um pequeno espaço de tempo toca o despertador desse mesmo relógio, olha para o horizonte e sai do palco por uma abertura no fundo do lado esquerdo.

É assim que começa o espetáculo *le dernier spectacle* (1998)⁵ do coreógrafo e dançarino francês Jérôme Bel. Algo importante de se dizer é que o dançarino que entra no palco e diz ser Jérôme Bel, não é ele mesmo, assim como os outros dançarinos (4), também dizem ser mas não são Hamlet, nem Susanne Linke, tampouco Andre Agassi.



Figura 1 – *le dernier spectacle* (1998)
Fonte: <http://www.jeromebel.fr/> (photos).

3 In: POLANCO; PRADEL, 2015. Tradução da autora do original: “Soportar estar ahí para ‘dar’ el tiempo necesario de modo que un sentido-forma empiece a germinar”.

4 Eu sou Jérôme Bel. Lembrando que o verbo *être* em francês pode significar ser e estar.

5 Disponível em: <<http://www.jeromebel.fr/>>. *le dernier spectacle* pode ser traduzido como o último espetáculo.

Para além da comicidade que ali se fabrica a cada dizer falsificado e ações decorrentes dessas nome-ações, *le dernier spectacle* tenciona muitas ideias de ocupações. A ocupação de um palco para um espetáculo – o palco está quase vazio, é quase uma desocupação; a ocupação dos dançarinos, um a um, com pequenos momentos de interação entre eles; as nomeações que ocupam o espaço e o imaginário; as ocupações daqueles que se nomeiam – Andre Agassi é um tenista estadunidense, Hamlet é uma personagem de Shakespeare, Susanne Linke é uma dançarina alemã e Jérôme Bel é um coreógrafo e dançarino francês; entre outras ocupações ainda por serem inventadas.

Por que, afinal, trazer essas tenções ocupacionais para a **ocupação 1**? Qual a relação disso com ocupações em escolas?

Algo aconteceu que bem poderia lembrar *le dernier spectacle*, quando uma garota adentrou a Assembleia Legislativa do Paraná, foi até o microfone e pronunciou um discurso feito coletivamente apoiando e explicitando porquês das ocupações nas escolas paranaenses. Ana Júlia era seu nome, mas poderia ser Laura, Lucas, Tiago, José, Jérôme, Maria... já que a força de suas palavras trêmulas era uma força de multidão.

No espetáculo, quando os dançarinos se auto nomeiam, logo depois realizam movimentos próprios daqueles de quem carregam o nome, ou seja, depois do dançarino dizer *I am Andre Agassi*, ele joga tênis utilizando as paredes do fundo do palco, raquete e uma série de bolinhas.

Na Assembleia, quando Ana questiona de quem e para quem é a escola, ali seus movimentos não são só seus, mas de todos os corpos que elegem o espaço singular de uma escola para nele criar uma vida. “A palavra de Ana Júlia arruinou, por pelo menos um momento, a narrativa que começava a se impor: a da criminalização dos estudantes e de seu movimento de ocupação da escola pública” (BRUM, 2016, s. p.). Arruinou uma forma de olhar para a ocupação de uma escola – um crime – para dispersar por entre cada corpo e palavra que ocupa uma escola.

Há movimentos que querem esvaziar sua palavra-corpo, seja para “ridicularizá-la” ou para transformá-la em “‘heroína’ ou na ‘esperança de um país’”. Dessa forma, ela passa a ser “isolada do grupo que sustenta seu discurso, seu corpo. Ela, que representava muitos, que era multidão, passa a ser conjugada no singular. Sozinha, Ana Júlia pode muito pouco” (BRUM, 2016, s. p.). Menosprezo ou enaltecimento isolado – duas maneiras de olhar para aquele corpo e destituí-lo de sua potência de ser muitos.

André Lepecki (2008) escreve com a coreografia de Jérôme Bel, para ele a questão colocada em *le dernier spectacle* é sobre o que sucede quando se decide mover-se junto a um nome. Na companhia de um nome pode-se revelar suas partes ocultas, sem que se esgote; nela pode-se romper com a suposta fixidez que um nome pode possuir em relação ao seu referente direto e, por último, exibir um nome é liberar suas linhas de força, portanto algo que lhe escapa sem no entanto ser desvinculado. Para o próprio Jérôme, Lepecki (2008) escreve, que sua tentativa era de experimentar citar uma peça de dança, dentro de um espetáculo, do mesmo modo que um DJ sampleia uma outra música⁶. Outra questão é de cunho perceptivo,

6 Isso ocorre na peça quando os dançarinos dizem ser Susanne Linke e todos performatizam um

experimentando a repetição, uma vez que os dançarinos se revezam entre anunciar um nome e realizar gestos, desencadeando séries de diferença.

Tais linhas inspiradoras não esgotam as possibilidades de aproximação da obra de Bel, mas lhe permite dispersar-se em pedaços de pensamento que se ligam a outros, pedaços de corpos juntando-se a outros corpos. Essa é uma maneira de ocupar-se.

Ana ocupou-se de pronunciar palavras-corpo e também ocupou uma escola. São dois gestos diferentes que se complementam. Mover-se junto à Ana pode multiplicar ocupações.

ENSAIAR OCUPAÇÕES

Multiplicar o que significa ocupar uma escola – porque, talvez, tentar buscar por aquilo que acontece mesmo, a identidade do movimento de ocupação, quais bandeiras são ali carregadas, poderia homogeneizar o movimento e esse é o desejo conservador, no sentido de preservar um único significado para ocupação. É bom também lembrar do alerta de Eliane Brum (2016) para as tentativas de criminalização, para deslegitimar e desautorizar as ocupações e aquilo que extravasa delas, e esse também é um desejo que as percorre.

Nesse ensaio uma pergunta ainda está presa na garganta: o que a educação física tem a ver com essas ocupações? E como não poderia deixar de ser, a resposta também é ensaiada e merece a cada nova ocupação, seja lá o sentido por ela percorrido, um outro pensamento é necessário.

Estar atento ao lugar que se ocupa ao relacionar-se com uma ocupação é um primeiro passo – professor, aluno, pais, dançarino etc. – e com quais afetos esse corpo se reveste, se contagia ao ocupar. Diante dessas observações, é sempre bom ter cautela, prudência – “arte das doses”, como lembram Deleuze e Guattari (1996, p. 25), de não tornar a ocupação das escolas na única e exclusiva forma de resistência possível, realizável e realizada. E de tentar contribuir com afetos que potencializem uma vida, tendo a medida dos pesos das posições dos corpos em cada ocupação e daquilo que se quer fazer circular, cada gesto e cada palavra pronunciada.

Por isso multiplicar o que ocupar pode ganhar de sentido, não significa transformar num movimento salvacionista, mas sim ensaiar o alcance daquilo que pode uma ocupação e isso se encontra num âmbito de uma micropolítica dos afetos.

Segundo Suely Rolnik (POLANCO; PRADEL, 2015), esse campo de ação se propaga no Brasil justamente pela invenção de um tipo de ativismo menor, o que não é menos insidioso, mas que se atém mais aos afetos circulantes do que a ambição de abarcar todos, compor totalidades. Nesse sentido, uma micropolítica dos afetos circulantes de uma ocupação também multiplica para cada um o que pode uma escola, enquanto espaço compartilhado.

Contagiar esse espaço de uma resistência que não seja única e unidirecional, mas que esteja preocupada com a desmontagem de intoleráveis, orientada por “uma bússola ética. Sua agulha aponta para a vida mesma, para o que está pedindo passagem para que siga respirando, pulsando” (ROLNIK in: POLANCO; PRADEL,

pedaço de uma coreografia criada por ela.

2015, s. p.)⁷. Dispersar ocupações pela capacidade do corpo de ser afetado pelas forças do mundo.

Que se multipliquem Anas, ocupações, pequenas resistências, não pela exaltação individual de heróis, tampouco pela cristalização de ações, “resistir ao que nos leva a dar de cara com a parede” (STENGERS, 2015, p. 9), porque os intoleráveis seguem aumentando num ritmo frenético e somente contagiando a vida de bons encontros e afetos alegres que se poderá escapar, ao menos por um instante.

REHARSE POLICIES

ABSTRACT: This brief essay seeks to multiply what an occupation in schools can do. Pulsing desire that exempts itself from too many explanations and bureaucratic details that sometimes wound the beauty of thinking gesture. The bet is on a trembling body, full varied imbalances, a strange morphology, in which some expression lines of affections are generated. Faced with impossibility to break definitively with that which destabilizes, it is necessary, therefore, to ally to small points of joy – a politics.

KEYWORDS: body; politics; affection.

ENSAYAR POLÍTICAS

RESUMEN: Este breve ensayo busca multiplicar lo posible de una ocupación en las escuelas. Pulsante deseo que exime demasiadas explicaciones y detalles burocráticos que a veces daño a la belleza del gesto pensante. La apuesta es en un cuerpo tembloroso, lleno de desequilibrios, una morfología extraña, en que se crean líneas de expresión de unos afectos. Ante la imposibilidad de romper definitivamente con lo que, por lo tanto despotencializa es necesario aliarse a los pequeños puntos de alegría – una política.

PALABRAS CLAVES: cuerpo. política. afecto.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. Coluna: Ana Júlia e a palavra encarnada. **El país**. 31 de outubro de 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/31/opinion/1477922328_080168.html>

>. Acesso em 2 de novembro de 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. O filósofo mascarado. In: _____. **Archivo Foucault**. v. 3. Estética dell'esistenza, etica, politica. Alessandro Pandolfi (cura). Milano: Feltrinelli, 1994, p. 137-144. Tradução Selvino José Assmann. Florianópolis, setembro de 2000. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/fe190d/texto08.htm>>.

LEPECKI, André. **Agotar la danza: performance y política del movimiento**. Trad. Antonio Fernández Lera. Alcalá: Centro Coreográfico Galego; Mercat de les Flors; Universidad de Alcalá, 2009.

POLANCO, Aurora Fernández; PRADEL, Antonio. Una conversación con Suely Rolnik. **Re-visiones # Cinco**, 2015. Disponível em: <<http://www.re-visiones.net/spip.php%3Farticle1128.html>>. Acesso em 2 de novembro de 2016.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes - resistir à barbárie que se aproxima**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

7 Tradução da autora: “La brújura que conduce el deseo en este proceso es una brújura ética. Su aguja apunta hacia la vida misma, hacia lo que está pidiendo paso para que siga respirando, pulsando”.